

# PÁGINA DE ARTE

## O CINEMA-ESPELEO

Foram apresentados no Congresso três filmes espeleológicos, dois produzidos por Sérgio e Thereza Beck do C.E.U. e outro por Clayton Ferreira Lino, presidente da S.B.E. e sócio do C.E.U. "Ratos de Caverna" foi filmado durante o primeiro semestre de 1977 no Vale do Betari, por Sérgio e Thereza Beck, foi projetado em junho no programa Ação Super-8, da TV Cultura. "Resgate", dos mesmos autores, é um documentário sobre o exercício conjunto de resgate realizado na Caverna Santana durante o carnaval de 1978, pelos grupos C.E.U. e Michel le Bret. "Spelaion (A Morada da Noite)", de Clayton Ferreira Lino, é um documentário sobre a espeleologia em geral e demorou quase um ano para ser filmado em várias cavernas do Vale do Betari, tem música especialmente composta por Roberto Falzoni (C.E.U.). "Spelaion" foi inscrito no VI Festival Nacional do Cinema Super 8, realizado em agosto de 1978 em São Paulo e, juntamente com "Escaladores da Noite", um filme de Sérgio e Thereza Beck, que focaliza a exploração do Abismo do Juvenal, o mais profundo do Brasil, deu ao Centro Excursionista Universitário o troféu ARES-8, oferecido pela Associação Paulista de Realizadores de Cinema Super-8, "a um filme que, discutido, polemizado e preferido, traga uma real contribuição à cinemação em superoito; eventualmente poderá ser dado, não a um filme, mas a uma contribuição de valor para o movimento superoito".

Publicamos, a seguir, os textos das entrevistas realizadas com Clayton e Beck.

### Sérgio Beck

Quais os principais problemas do cinema-espeleo?

A luz. Até o momento só dispomos de uma bateria de níquel-cádmio, com potência de 250 Watts e de apenas 10 minutos de autonomia. A pequena potência permite filmar a uma distância de apenas 4 a 5 metros da lâmpada e a curta autonomia nos obriga a sair da caverna, ir a Iporanga carregar a bateria (12 horas de carga) e voltar à gruta para arrancar mais 3 ou 4 rolos de filme. Foi o que aconteceu no Abismo do Juvenal. É imprescindível conseguirmos mais uma ou duas baterias, e de maior autonomia para começarmos a fazer espeleo-cinema pra valer.

Os outros problemas como terreno acidentado, a lama, a água que podem penetrar no equipamento, fazem parte dos riscos que como qualquer outro espeleólogo, o cineasta também enfrenta.

Porque você se propôs a filmar cavernas?

O desafio de um campo inédito em espeleologia. Há muita gente boa no Brasil se revelando nas especialidades mais óbvias em caverna. Eu desejava poder contribuir com uma atividade diferente, uma atividade inteiramente pessoal, muito minha, e o cinema era uma tendência bastante antiga. Efetivamente fui o primeiro a tentar, e no Congresso apresentei dois filmes de caverna, muito bem recebidos pela "crítica" espeleológica...

O primeiro era um documentário -propaganda de 12 minutos, com o objetivo de promover a Operação Tatus 2, expedição que não chegou a sair do papel. O segundo, já uma reportagem mais séria e didática, visava apenas atrair a atenção dos espeleólogos presentes ao Congresso para problemas técnicos de adestramento em âmbito nacional: um exercício interclubes que com sucesso se propôs a dominar uma técnica desconhecida - resgate em gruta - prática que pode a qualquer instante tornar-se de vital importância.

Qual o objetivo do seu filme?

Divulgar a espeleologia, com as nossas próprias palavras, e não através de leigos no assunto, repórteres de televisão ou de jornais e revistas, curiosos, cheios de boa-vontade, mas totalmente desinformados do todo: a espeleologia -ciência, esporte, aventura, arte, técnica, emoção, a espeleologia obsessão. O leigo vê apenas o lado aventura, o aspecto sensacionalista. Ele desconhece as outras facetas: a estética do desconhecido, o trabalho meticuloso da exploração, do estudo científico, o ardor do espeleólogo que descobre uma nova galeria, o espírito da equipe mergulhada por horas em sua atividade, as alegrias e decepções. A fotografia é estática demais para revelar tudo isto. O cinema é muito mais dinâmico, ao captar a sensação de maravilhamento ante o mundo subterrâneo. Um mundo que já está ali há milhares de anos, envolto no seu manto de escuridão e mistério. Súbitamente ao riscar de um fósforo, a escuridão toma formas e cores e assume um sentido, mas apenas em função da nossa própria apreciação, da nossa admiração, dos nossos valores estéticos. E então a luz se apaga, e freneticamente riscamos outro fósforo.

Quais os seus planos para o futuro?

Tenho um filme em andamento, o do Abismo do Juvenal, que comecei no ano

passado, e preciso terminar. Mas não pretendo ficar limitado apenas ao cinema em caverna. Há outros assuntos excursionísticos, como o alpinismo e canoísmo, dos quais eu pretendo produzir alguns filmes, e aperfeiçoar meu estilo de documentário. Os próximos meses serão dedicados a isto. Além disto, eu estou estudando Zoologia e Cinema na U.S.P., e pretendo desenvolver também as bases da documentação didática e científica nestes assuntos. Há muito para se fazer, seja em Super-8 ou 16, e eu mal comecei.

### Clayton Ferreira Lino

Quais os principais problemas do cinema em caverna?

Os problemas são aqueles de uma filmagem externa acrescidos dos impostos pelo ambiente bastante especial. Estes últimos é que definem bem a problemática de um espeleofilme. Poderiam ser divididos em 3 blocos além da dificuldade básica e às vezes intransponível de uma boa iluminação. No primeiro bloco estariam os problemas relacionados com o equipamento em geral: as dificuldades de transporte no ambiente cavernícola (escaladas, lagos, locais estreitos, etc), a umidade e sujeira a que fica exposto o material e a distância de fonte elétrica para recarregar baterias de iluminação são os principais.

No segundo bloco incluiríamos os problemas específicos da filmagem; os temas (biologia, geologia, ação, etc) são muito variados e incluem desde macro de animais em movimento a planos gerais de enormes salões, onde a iluminação é restrita. Muitas vezes a filmagem se desenvolve durante uma exploração e então acumulam-se os problemas de impossibilidade de paradas mais prolongadas, pontos com um bom ângulo de filmagem e falta de elementos disponíveis para auxiliar na iluminação ou mesmo para encenar certas atividades ou escaladas para a complementação do filme. Nota-se então que é essencial planejar as filmagens com antecedência separando uma equipe especial para cinema e conhecer a caverna em fase anterior às tomadas de cena.

No terceiro bloco estariam os problemas ligados à maior exatidão na representação do ambiente, animais e atividades. A caverna é um mundo de terras permanentes e desconhecida do público em geral. Dai, a filmagem deve documentar esta escuridão, o jogo de sombras, os fundos negros, a diversidade de cores e formas e a escala dos objetos, animais e espaços. Estes parâmetros definem então diferentes ângulos de visão, movimentos de luz e câmera, filtros de correção de cor, e uma constante informação de escala.

Outro ponto ainda é o ligado aos recursos do equipamento utilizado. Os

filmes tem sido realizados em Super-8, o que diminui muito as qualidades de imagem e do som em troca das facilidades de transporte e custos gerais. No entanto o desenvolvimento maior dos equipamentos de cinema e a experiência das filmagens tende a superar os problemas e tornar o espeleofilme uma atividade mais acessível a um número cada vez maior de espeleólogos.

Porque se propôs a filmar cavernas?

As razões são várias e poderiam ser vistas sobre dois ângulos : porque filmar; e porque cavernas.

Filmar foi uma das formas que encontrei de unir o interesse de documentação e estudo do mundo em que vivo e divulgar junto a um público maior as particularidades que pude perceber nele, associado a minha maneira própria de expressá-lo. Cinema para mim é documento e arte e me preocupo com os dois aspectos.

Filmar cavernas já foi uma consequência natural da possibilidade de contar com esse instrumento de documentação uma vez que me dedico à espeleologia já há mais de 6 anos e o interesse por ela chega a disputar com minha vida profissional "oficial". Na verdade não foi apenas uma consequência, mas também uma causa para o meu cinema: não creio ter já mais pensado em filmar sem pensar em cavernas. A Caverna é um mundo muito especial e exigia um maior interesse documental.

Qual o objetivo de seu filme?

Documentar e divulgar a caverna e a espeleologia.

Tornar-se um instrumento auxiliar no estudo e no ensino sobre o assunto colocado à disposição dos espeleólogos, pesquisadores e do público em geral.

E é também uma forma de expressar minha visão particular deste mundo para incentivar o debate sobre as diversas formas de encará-lo.

Quais os seus planos para o futuro?

Obviamente continuar filmando, dando sequência aos novos filmes já em andamento e iniciar outros. Ampliar o campo de ação abrangendo aventura, esportes, tecnologia, arte e ciência, com especial ênfase sobre os 2 últimos.

Desenvolver novas técnicas e equipamentos para este tipo de documentário e montar uma equipe de trabalho especializada, o que já foi ini -

ciado.

A idéia final é montar um estúdio profissional ou semi-profissional.

\* \* \* \* \*

### A PIROFOTO CAVERNAL

Patente incendiária  
do Gal. M. Barreto

Várias maneiras  
Hã de fazer fotos:  
Sistemas certamente originais,  
Dispositivo de perpétuo moto,  
Dispêndios com processos colossais...  
Relâmpagos de máxima potência  
E até com relampejos de demência,  
Com fogueiras, archotes, lamparinas,  
Piras votivas de cêra ou parafina,  
Com quartzos, tungstênios e platinas,  
Fachos de azeite, ôleos de baleias,  
Panos de cuêcas, lenços, e até meias,  
Tudo em fogal, ã guisa de lanternas  
Iluminando covas e cavernas,  
Misturando, a rigor, braços e pernas  
O que, embora nos pareça fantasia,  
Como o famoso Disney já dizia,  
É um modo de fazer belas imagens  
Numa polícroma esteira de paisagens  
Por adentrar trevosas e impêrvias budelagens  
Que mostram destemores e coragens,  
Pirogenando as chamas de Belial  
No assentamento impar das fogarias,  
No aturdente espoucar de mil luminarias  
Sob o comando de um novêl Vulcano,  
Simpático e mui grato ser humano  
Que o Betari hospeda todo ano  
Na pele de um amigo general,  
Que entra e sai, na alegre surriada,